



7 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 13 de novembro de 2022

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Na sexta-feira	Dólar	Últimos	Euro	CDI	CDB	Inflação
2,26% São Paulo	115.342	R\$ 1.212	R\$ 5,333 (- 1,17%)	4/novembro	5,062	Comercial, venda na sexta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,1% Nova York	112.253			7/novembro	5,173				Junho/2022 0,68
	7/11 8/11 9/11 11/11			8/novembro	5,144		R\$ 5,527	13,65%	Julho/2022 -0,68
				9/novembro	5,182			13,66%	Agosto/2022 -0,36
									Setembro/2022 -0,29
									Outubro/2022 0,59

CONJUNTURA/ Devido à desindustrialização em curso e à baixa competitividade das empresas nacionais, balança comercial da manufatura terá o maior saldo negativo da história em 2022, de US\$ 125 bilhões, pelas projeções da AEB

Novo deficit recorde da indústria

» ROSANA HESSEL

A desindustrialização do país pode ser percebida na balança comercial nacional, apesar dos números positivos das exportações do agronegócio. Conforme dados da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), devido à perda de competitividade da indústria nacional, a diferença entre as importações e as exportações do setor produtivo, cujos produtos possuem maior valor agregado, deve atingir um saldo negativo recorde neste ano, chegando a US\$ 125 bilhões.

“E o detalhe é que, no ano passado, a conta da balança comercial de manufaturados teve um deficit grande, de US\$ 111 bilhões, e a projeção para este ano é de US\$ 125 bilhões. É o maior saldo negativo da história, disparado”, adianta o presidente da AEB, José Augusto de Castro, em entrevista ao **Correio**. Ele destaca que, apesar de os dados de emprego terem melhorado nos últimos meses, com queda da taxa

de desocupação para 8,7% no terceiro trimestre do ano, a perda de competitividade da indústria nacional com o resto do mundo tem ajudado a exportar empregos em vez de criar localmente.

“Quando o país tem deficit desse tamanho na balança comercial da indústria, significa que estamos gerando emprego de qualidade e de melhor remuneração no exterior e não internamente”, pontua.

Na avaliação do presidente da AEB, apesar de o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ter sinalizado em seus discursos que pretende recuperar a indústria nacional e fazer o Brasil ser um “protagonista internacional”, o desafio do novo governo será enorme. Segundo ele, para o país conseguir voltar a exportar mais produtos manufaturados do que commodities, que têm menor valor agregado, será preciso mudar a política de comércio internacional, atualmente mais focada no agronegócio, mais beneficiado pela inflação do que pelo

aumento da demanda. “Devido à alta dos preços das commodities, após a pandemia, o país tem exportado preço, porque a quantidade de produtos praticamente não aumentou.”

Os dados mais recentes divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério da Economia, comprovam essa contradição. Enquanto as exportações nacionais cresceram 19,1% em valores, no acumulado de janeiro a outubro deste ano na comparação com o mesmo período de 2021, somando US\$ 281 bilhões, a quantidade de produtos embarcados cresceu apenas 4,4%. “Os preços das commodities começaram a cair em outubro e isso já está sendo refletido nos dados da balança, com a redução do saldo comercial”, destaca Castro.

Conforme os dados da Secex, de janeiro a outubro deste ano, as importações cresceram 29,3%, na comparação com o mesmo período de 2021, somando US\$ 229,3 bilhões. Já

Carlos Vieira/CB/DA Press



José Augusto de Castro, presidente da AEB: “País exporta empregos”

a quantidade de produtos desembarcados avançou 4,4%. Enquanto isso, o saldo da balança comercial encolheu 11,7% na mesma base de comparação, para US\$ 51,6 bilhões. Logo, esses dados confirmam as projeções da AEB para este ano. A entidade prevê queda de 11,9% no saldo comercial em comparação a 2021, para US\$ 54,1 bilhões.

Perda de espaço

De acordo com Castro, em 2000, os produtos manufaturados chegaram a representar 59% das exportações nacionais e, no ano passado, esse percentual

respondeu por pouco menos da metade: 28%. “E tudo isso é desemprego, ou seja, pensando em comércio exterior, o país atravessa uma clara desindustrialização e, para reindustrializar o país, é preciso mudar a estrutura de custos interna, a fim de atrair novamente investimentos de empresas de produtos manufaturados no país”, explica o especialista. Ele lembra que a inviabilidade desse tipo de negócio fez muitas montadoras fecharem suas fábricas no país, a exemplo da Ford, que encerrou a produção nacional em 2019.

“Para o país mudar o comércio internacional, será preciso

recuperar a competitividade da indústria para ela poder conseguir voltar a exportar para mercados desenvolvidos, como Europa e Estados Unidos. E, para isso, é preciso reduzir o custo Brasil”, sintetiza Castro. “Não tenho nada contra o país exportar commodities, que têm a China como principal destino. Mas a indústria nacional precisa recuperar a competitividade”, acrescenta o presidente da AEB. A entidade realiza, nos próximos dias 17 e 18, o 41º Encontro Nacional de Comércio Exterior (Enaex), em que principais temas serão os desafios e as perspectivas para o comércio exterior brasileiro.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Impulso do agronegócio

» FERNANDA STRICKLAND

O agronegócio tem batido recordes de produção nos últimos anos e impulsionado a indústria da construção, principalmente no Centro-Oeste. Em Goiás, por exemplo, atingiu R\$ 62,8 bilhões neste ano, avanço de 73,3% em relação a 2021 — o maior patamar registrado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no estado.

Em 2020, havia 2,1 mil empresas atuando no segmento da construção, avanço de 14% em relação ao ano anterior, segundo o IBGE. A construção civil goiana é, atualmente, a oitava maior do país e a maior no Centro-Oeste, com 41,9% do total das empresas na região. Conforme dados da Ademi-GO, as vendas de imóveis novos tiveram crescimento acima de 60% no primeiro semestre deste ano no estado.

Embora as grandes construtoras mirem principalmente a região metropolitana, as pequenas e médias empresas têm experimentado forte crescimento nos investimentos e nas vendas no interior goiano, principalmente, nas áreas onde o agronegócio está mais presente. É o caso, por exemplo, da Habitat Construtora e Incorporadora. Com sede em Goiânia e atuação focada no interior de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, a Habitat prevê investir R\$ 500 milhões e atingir um Valor Geral de Vendas (VGV) de R\$ 1,5 bilhão nos próximos anos.

Vale lembrar que Goiás tem o segundo maior rebanho do país e 10,8% no efetivo nacional, ficando atrás apenas de Mato Grosso. Com efetivo estimado pelo IBGE em 24,3 milhões de cabeças, em 2021, o rebanho bovino no estado



teve a quarta alta seguida e atingiu o maior volume da série histórica, iniciada em 1974.

Destaque regional

Marcelo Gonçalves, sócio consultor da Brain Inteligência Estratégica, destaca que a construção civil goiana é, atualmente, a oitava maior do país e a maior do Centro-Oeste, com 41,9% do total das empresas na região. “Acredito que a região Centro-Oeste inteira tem uma força muito grande. Estamos falando de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul. São estados que, efetivamente, têm uma produção agrícola grande e as riquezas do agronegócio.”

As cidades do agronegócio têm uma característica de crescimento, mesmo em momentos de crise, nos últimos 10 anos, segundo Gonçalves. “Até com o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), o agronegócio acabou mantendo a economia aquecida, e as cidades que têm um forte agronegócio acabam tendo uma indústria forte”, afirma. Os níveis mais baixos da taxa

básica de juros (Selic) — que chegou ao piso de 2% ao ano, entre agosto de 2020 e março de 2021 — ajudaram a alavancar os investimentos da indústria de construção durante a pandemia. “Todo mundo saiu, inclusive, do mercado financeiro para a segurança do imóvel. No período da pandemia, principalmente”, recorda. “Então, isso só foi mais forte ainda nas cidades que tinham o agronegócio como referência. E, quando falamos sobre esse crescimento nessas cidades, ele não acontece somente agora. Apenas aumentou”, acrescenta o consultor.

Gonçalves ressalta ainda que, durante a crise sanitária, os consumidores das cidades do interior do país e do litoral brasileiro procuraram espaços com melhor qualidade de vida e foram responsáveis por 25% das vendas no país. “As pessoas passaram a trabalhar de forma mais flexível em casa, principalmente. Na pandemia, houve essa possibilidade. E, com isso, passaram a buscar empreendimentos onde achavam que a qualidade de vida era melhor”, observa.



Boletim informativo das Organizações PaulOOctavio

EDIÇÃO Nº 872 | ANO 47

13 DE NOVEMBRO DE 2022 | BRASÍLIA/DF



COPA DO MUNDO

PAULOOCTAVIO ENTRA EM CAMPO NO NOROESTE E EM ÁGUAS CLARAS

A PaulOOctavio saiu na frente e organizou dois megaeventos pré-Copa do Mundo nos estandes do Noroeste e de Águas Claras. A bola tomou conta dos espaços com tudo o que tem direito: totô, brincadeiras de chute a gol e mesa de futebol de botão fizeram a alegria de avôs, avós, pais, mães, filhos e filhas. Mas o maior destaque foi a troca de figurinhas, que também eram distribuídas àqueles que compareceram às ações. Para completar, comida típica de estádio, como cachorro-quente, pizza e batata frita. Graças a um portfólio completo de imóveis nas duas localidades, também houve tempo para negociações de apartamentos de todos os tipos, tanto no Noroeste quanto em Águas Claras.

As ofertas são muitas. No Noroeste, uma dica digna de seleção é **o Residencial Nívio Gonçalves,** que está na fase de acabamento. Com apartamentos tipo de dois e três quartos e coberturas duplex, é titular garantido em qualquer carteira de imóveis. **Na Asa Norte, o residencial Jane Godoy,** de alto luxo, será entregue em 10 de dezembro. Seus apartamentos são melhores que as partidas das quartas-de-final previstas para o mesmo dia. **No Guará, craque é o residencial Maestro Cláudio Cohen. E, em Águas Claras,** as pedidas são **o Oceania, o Dalmo Rebelo e o complexo Manhattan Shopping,** um *mixed use* que fica pronto no mesmo ano da Copa na América do Norte, em 2026.

www.paulooctavio.com.br

Informe Publicitário